

MILHO: PRODUÇÃO E MERCADOS

JACKSON DANTAS COELHO

Economista. Mestre em Economia Rural.
jacksondantas@bnb.gov.br

Resumo: O milho é um dos três cereais mais cultivados do mundo, do qual o Brasil é o terceiro maior produtor e exportador. Vindo de duas safras recorde, o mercado de milho está num momento promissor para o agricultor. Mesmo com a pandemia, os preços estão elevados e as projeções indicam aumento de área cultivada e da produção, por conta da retomada da demanda por etanol de milho e pela elevação de exportações, tanto do grão em si, como para ração. As vendas externas estão estimuladas pela alta do dólar, em razão das incertezas geradas pela pandemia, que pode estar numa segunda onda na Europa. Houve também a sustentação da demanda para ração animal, uma vez que a China ainda não recuperou seu plantel de suínos no nível anterior à peste suína africana (PSA), ocorrida em 2018. Apesar disso, os preços nacionais também registram altas históricas, pois a exportação reduz a disponibilidade no mercado interno. A produção tem se expandido a ponto de o País ter uma terceira safra de milho, coincidindo com o período do hemisfério Norte, com a produção dos estados do Ceará, Pernambuco e Roraima.

Palavras-chave: mercado; preços; grão; ração; pandemia.

1 MERCADO GLOBAL

O milho é um dos três cereais mais plantados no mundo. São 150 espécies diferentes, e apesar do grande uso na culinária, a maior demanda é pela indústria de ração animal (53% da demanda total, contra 2% da demanda para consumo humano) (ABIMILHO, 2020). Estados Unidos, China e Brasil produziram 64% do 1,11 bilhão de toneladas em 2019/20, com previsão de 5,3% de aumento para a atual safra, para 1,17 bilhão. A China é o segundo maior consumidor de milho, em grande parte para consumo animal (até 80% da composição), mas em virtude da grande produção, é apenas o oitavo importador, e; Argentina e Brasil completam os três maiores exportadores mundiais (**Tabelas 1 a 4 do Anexo A**).

A pandemia parece não ter atingido tanto os números da cultura, com a baixa da produção, consumo e exportação entre a safra de 2018/19 e a de 2019/20 parecendo mais relacionada aos problemas climáticos (tempestades de vento e uma forte seca) dos Estados Unidos, que lideram o rol nessas três variáveis, e também à quebra da

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Banco do Nordeste: Romildo Carneiro Rolim (Presidente). Luiz Alberto Esteves (Economista-Chefe). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Tibério R. R. Bernardo (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Maria Simone de Castro Pereira Brainer, Maria de Fátima Vidal, Jackson Dantas Coelho, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Luciana Mota Tomé, Biágio de Oliveira Mendes Júnior. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Bruno Gabai (Gerente Executivo), José Wandemberg Rodrigues Almeida, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Hermano José Pinho (Revisão Vernacular), Francisco Kaique Feitosa Araujo e Marcus Vinicius Adriano Araujo (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

safrina na Ucrânia, quarto maior produtor mundial. Em relação ao milho, a China sofre menos as consequências do conflito comercial com os EUA do que com a soja, já que é o segundo maior produtor.

Espera-se leve redução na produção em 2021, de 0,74%. Com a expectativa de recuperação econômica e a dos preços do petróleo, os EUA devem elevar seu consumo total de milho após a retomada da atividade e restabelecer a sua produção de etanol de milho; o consumo mundial deve aumentar, reduzindo os estoques; e a Ucrânia deve expandir sua comercialização com a China, União Europeia e norte da África, após a expansão de sua capacidade portuária (CONAB, 2020a; USDA, 2020).

2 BRASIL

O mercado de milho está num momento promissor para o produtor, mesmo com a pandemia, já que as projeções apontam para aumento de área e produção. O mercado deverá seguir em expansão na atual safra (2020/21) por conta da elevação de exportações, da retomada da demanda por etanol de milho e da sustentação da demanda para ração animal, uma vez que a China ainda não recuperou seu plantel de animais no nível anterior à peste suína africana (PSA), ocorrida em 2018 (CONAB, 2020a).

Os maiores produtores de milho brasileiros são (na ordem): Mato Grosso, Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. A produção do Mato Grosso é superior, inclusive, à das demais regiões do País. No Rio Grande do Sul,

problemas climáticos prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, tanto na primeira como na segunda safra. A quebra de 31,8% na produção de 2019/2020 reduziu a produtividade nacional em 3,3%, em relação a 2018/2019. O Estado é o sétimo produtor nacional, dentro da segunda maior região produtora (CONAB, 2020b; CONAB, 2020c).

Recente informação do IBGE (2020) a respeito da Produção Agrícola Municipal (PAM) de 2019, coloca o milho como um dos responsáveis pela alta gerada no Valor Bruto da Produção (VBP), que cresceu nacionalmente 5,1% em relação a 2018, atingindo R\$ 361 bilhões, puxado pelo crescimento no VBP do milho, que foi de 26,3%, no mesmo período.

O conflito comercial EUA x China, caso se prolongue, também pode ter consequências sobre o milho brasileiro, na medida em que a produção deste muitas vezes compete com a de soja em termos de área plantada, e que a soja, atingindo os altos preços de agora, poderia desestimular a produção do milho na primeira safra, o que ainda não se verificou, pelo menos nesse ano-safra, cuja produção foi recorde.

A área plantada cresceu 34% desde 2010, num ritmo médio de 3% ao ano, e também a divisão espacial e temporal da produção foi alterada significativamente desde então, caindo 45% na primeira safra, e aumentando 123% na segunda safra ou “safrinha”. Cultivares de soja mais precoces adiantaram o início do ciclo e abriram espaço maior para a segunda safra do milho, já que as duas culturas são plantadas alternadamente (CONAB, 2020a).

Tabela 1 – Área, produtividade e produção nacionais de milho, por Regiões

Unidade geográfica	Área (mil ha.)			Produtividade (kg/ha.)			Produção (mil t)		
	2018/19	2019/20	2020/21(1)	2018/19	2019/20	2020/21(1)	2018/19	2019/20	2020/21(1)
Centro-Oeste	8.524,2	9.283,5	9.204,6	6.197	6.122	6.149	52.825,9	56.836,0	56.603,6
Norte	739,3	804,8	800,7	4.161	4.368	4.667	3.076,3	3.506,7	3.737,2
Sul	3.695,6	3.757,2	3.796,4	6.849	5.766	6.479	25.310,3	21.663,1	24.596,2
Sudeste	2.027,3	2.054,5	2.084,0	5.995	5.726	5.999	12.153,4	11.764,0	12.501,7
Nordeste	2.506,5	2.627,3	2.596,7	2.664	3.324	2.976	6.676,8	8.733,2	7.728,5
Brasil	17.492,9	18.527,3	18.482,4	5.719	5.533	5.690	100.042,7	102.503,0	105.167,2

Fonte: Conab (2020b).

Nota: (1) Previsão, em outubro/2020.

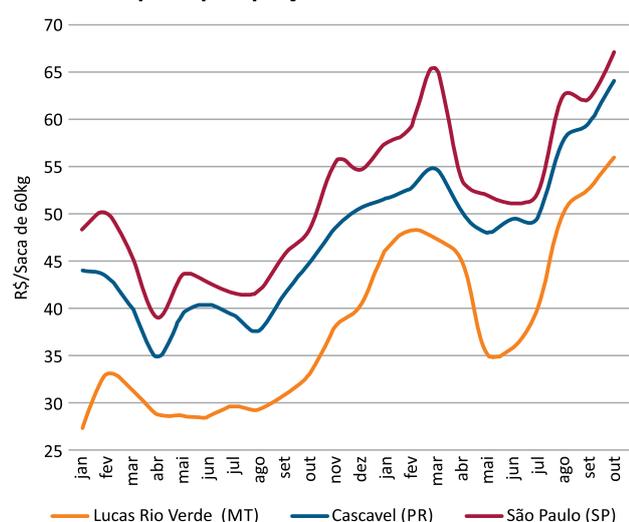
A maioria das atividades relacionadas à agropecuária já é praticada de forma naturalmente isolada no campo. Tendo em vista este fato e sua importância na manutenção do bem-estar da sociedade, foram consideradas essenciais durante a pandemia, o que possibilitou, junto com a demanda externa aquecida e o dólar elevado em relação ao real, pela incerteza gerada, que o País batesse recordes nas exportações de carnes, que levam milho como insumo da ração, ainda que as exportações do cereal representem cerca de um terço da produção e tenham sofrido queda de 2018/2019 para 2019/2020 (-16%, de 41 milhões de toneladas para 35 milhões) (ABIMILHO, 2020).

Os preços do milho elevaram-se, de julho ao presente (**Gráfico 1**), em razão da demanda interna aquecida, da elevação das exportações, favorecidas pelo dólar também

alto, e pelo baixo interesse dos vendedores em negociar grandes lotes. Ainda que a colheita da segunda safra tenha avançado, produtores limitam a disponibilidade, esperando novos aumentos nas cotações, fazendo com que as cotações internas batessem recordes nominais das séries históricas do Cepea, em setembro (CEPEA, 2020).

No momento, a tendência é de alta, com algumas consultorias projetando preços de R\$ 70/saca-60 kg em outubro e R\$ 75 em novembro. A baixa disponibilidade, com estoques finais abaixo da média dos últimos anos, o aumento de demanda de carne pela China e a quebra de safra em alguns produtores internacionais importantes, como os EUA e a Ucrânia, podem deixar os preços internacionais em alta, elevando também os preços internos (AGROLINK NOTÍCIAS, 2020).

Gráfico 1 – Preços do milho ao produtor (R\$/sc 60kg) das principais praças



Fonte: CMA (2020).

No entanto, as exportações aquecidas também têm consequências negativas, como o enxugamento da disponibilidade interna e o encarecimento do milho para ração animal, pressionando os custos da suinocultura e da avicultura de corte e de postura. Vale lembrar também que a moeda norte-americana esteve durante todo o ano com tendência de elevação, com a média pós-Covid em R\$ 5,33, de 17/março em diante, quando a cotação pré-pandemia era de R\$ 4,33 (BCB, 2020a). A última previsão do Banco Central para o fechamento de 2020 é de uma taxa de R\$ 5,25, R\$ 0,30 a menos que a atual, e de R\$ 5,00 para 2021, mas ainda favorável às exportações (BCB, 2020b). O cenário de incerteza gerado pela segunda onda da pandemia, já ocorrendo na Europa, mantém o dólar elevado.

Recentes projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (BRASIL, 2020), para daqui a dez anos (ano-safra 2029/30), indicam produção nacional de milho de 123,9 milhões de toneladas, podendo chegar a 150,8 milhões e as exportações em 44,5 milhões, poden-

do chegar a 64,1 milhões (hoje 102,5 e 34,5 milhões de toneladas, respectivamente), fazendo com que o País seja o segundo maior exportador, atrás dos Estados Unidos (BRASIL, 2020).

3 NORDESTE

A milhocultura no Nordeste apresenta perspectivas de crescimento. Mesmo sendo cultura tradicional na Região, muito comum como agricultura de subsistência, a abertura de novas fronteiras agrícolas, desde a década de 1970, possibilitou a expansão do cultivo, na forma empresarial, na região do Matopiba (confluência de territórios do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, com 62% dessa região sendo nordestina), e recentemente, no Sealba (região contígua de 5 milhões de hectares que une o leste de Sergipe e Alagoas e o nordeste baiano). Inclusive a produção de milho dessa região, somada à de Pernambuco e de Roraima, que coincide com a produção do hemisfério norte, tem sido registrada pela CONAB como a terceira safra no País, cuja coleta estatística vem sendo feita de 2018/19 para cá, correspondendo a 3% da produção total anual (CONAB, 2020a). Bahia, Maranhão e Piauí são os maiores produtores nordestinos, e de nono a décimo primeiro nacionais, na ordem (CONAB, 2020c).

Produção e produtividade estão se expandindo, e, em relação ao início da década (2010/2011), a produção subiu 38% e a produtividade, 65%. A área nordestina com milho caiu 16%, muito pela concorrência com a soja. E vale destacar o desempenho de Maranhão e Piauí, que chegou a ser maior produtor regional na safra 2018/2019, com crescimentos relativos de produtividade e produção superiores a 130%, no mesmo período, devido à expansão do milho no Cerrado, com aumento de área apenas no Piauí (38%) (CONAB, 2020c). A capacidade dos produtores, o desenvolvimento de cultivares adaptados à região e ao clima pela EMBRAPA, e as precipitações geralmente regulares, fizeram com que o cultivo de milho se destacasse no agronegócio do Nordeste (Tabela 2).

Tabela 2 – Área, produtividade e produção de milho no Nordeste, último triênio

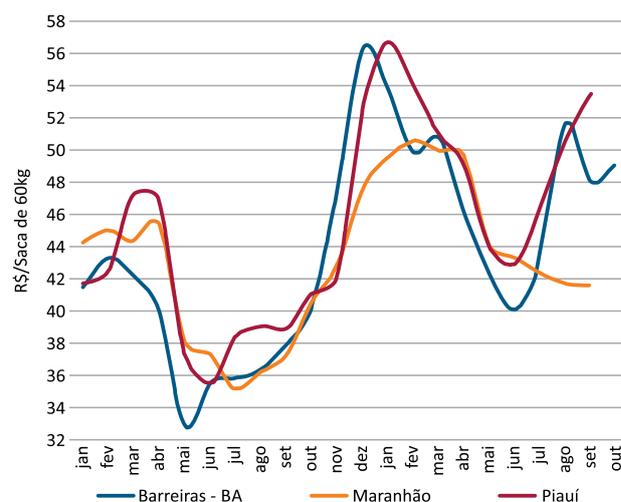
UF / Região	Área (ha.)			Produtividade (kg/ha.)			Produção (t)		
	2018/19	2019/20	2020/21 ⁽¹⁾	2018/19	2019/20	2020/21 ⁽¹⁾	2018/19	2019/20	2020/21 ⁽¹⁾
Maranhão	410,8	452,4	453,5	4.363	4.855	4.336	1.792,5	2.196,3	1.966,3
Piauí	451,6	467,6	431,9	4.084	4.695	4.042	1.844,4	2.195,2	1.745,9
Ceará	501,9	519,5	519,5	792	1.232	855	397,5	640,0	444,2
Rio Grande do Norte	53,7	59,7	59,7	645	574	634	34,6	34,3	37,8
Paraíba	96,1	107,6	107,6	480	827	731	46,1	89,0	78,7
Pernambuco	218,4	235,8	235,8	528	798	680	115,4	188,2	160,2
Alagoas	33,9	38,4	38,4	1.430	1.600	1.424	48,5	61,4	54,7
Sergipe	147,9	153,7	153,7	5.191	5.528	5.505	767,7	849,7	846,1
Bahia	592,2	592,6	596,6	2.753	4.183	4.014	1.630,1	2.479,1	2.394,6
Nordeste	2.506,5	2.627,3	2.596,7	2.664	3.324	2.976	6.676,8	8.733,2	7.728,5

Fonte: Conab (2020c).

Nota: (1) previsão, em outubro/2020.

Os preços do milho ao produtor em Barreiras (BA), na média do Estado do Piauí e do Maranhão, seguem tendências semelhantes às demais praças produtoras do País, estando relativamente constantes durante 2019 e subindo, em 2020, por conta do aquecimento da demanda e da alta do dólar, em razão da pandemia (**Gráfico 2**).

Gráfico 2 – Preços do milho ao produtor (R\$/sc 60kg) das principais praças



Fonte: CMA (2020); CONAB (2020).

Nota: A Conab, fonte dos preços de Maranhão e Piauí, não disponibiliza dados do mês corrente (outubro).

4 OVERVIEW

Pontos fortes	<ul style="list-style-type: none"> A cultura do milho tem boas perspectivas regionais, devido à demanda interna (e também externa) aquecida; Grande área agricultável e clima e relevo favoráveis, com perspectiva de alta da produção de 2,6%, e de manutenção de área (-0,2%); Elevado grau de profissionalização e de inovação tecnológica, na produção empresarial, com modo intensivo, que permite produzir a um custo competitivo, ao contrário de outros países que têm a agricultura altamente subsidiada pelo governo; Os órgãos de pesquisa e de financiamento fomentam a inovação à cadeia produtiva, superando desafios relacionados a novas pragas, elevação da produtividade e os investimentos necessários; O aumento das exportações de carne também enseja maior demanda de milho para ração, especialmente na avicultura e suinocultura;
Pontos fracos	<ul style="list-style-type: none"> A logística de transporte e de armazenamento ainda deficitárias. As longas distâncias e o estado precário de muitas estradas prejudicam o escoamento da produção, já que os transportes ferroviário e aquaviário são mínimos, onerando o frete. A armazenagem, realizada por cooperativas e armazéns públicos ou privados, não conseguiu acompanhar o crescimento da produção nas sucessivas safras recorde. O fato de as atividades envolvidas no escoamento da produção, como os transportes rodoviário e portuário, terem sido consideradas essenciais, ajudou a manter algum grau de normalidade na cadeia produtiva em meio à pandemia; Ausência de uma política governamental de estocagem mínima, visando à segurança alimentar nacional, que seria importante numa situação de exceção, como a atual. Elevada tributação sobre a produção.
Oportunidade	<ul style="list-style-type: none"> A China é o principal parceiro comercial do Brasil, assim, mesmo em menor grau comparando-se à soja, as tensões diplomáticas desta com os EUA pode favorecer o escoamento do Brasil e da Argentina para a China; A recuperação do plantel de suínos, fortemente afetado pela peste suína africana (letal e sem vacina), pressiona a demanda de milho; O aumento da produção de etanol de milho também será favorável à demanda e, conseqüentemente, elevará o preço;
Ameaças	<ul style="list-style-type: none"> As mudanças climáticas tendem a tornar mais severos os fatores extremos, ou seja, fenômenos climáticos com estiagens, geadas ou enchentes, mais intensos e com ciclos mais curtos de ocorrência. No momento, a previsão para os próximos meses é de <i>La Niña</i>, em algumas regiões produtoras, o que pode favorecer a produção do Norte-Nordeste, mas trazer estiagem para o Centro-Sul, com possibilidade de redução na produção. Na safra 2019/2020, a estiagem prolongada provocou a quebra de 10% na produção do Paraná, segundo maior produtor nacional e de 32% no Rio Grande do Sul, sexto maior. Não obstante, o USDA prevê 110 milhões de toneladas na safra 2020/21; Tais mudanças climáticas por vezes originam veranicos durante a fase de crescimento da planta, problema comum na Bahia e no Piauí, onde a instabilidade climática é maior. Dependência da importação de fertilizantes, mais caros com o dólar elevado.

5 DADOS OBSERVADOS E PROJEÇÕES DE PRODUÇÃO E DE CONSUMO DE MILHO (BRASIL 2017-2024)

Indicador	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Produção de milho (Milhões de toneladas)	98,5	82,0	101,0	101,5	99,4	101,3	102,0	102,7
Produção de milho (Variação em relação ao ano anterior, %)	47,0	-16,8	23,2	0,5	-2,0	1,9	0,7	0,7
Consumo de milho (Mil toneladas)	60,5	63,5	67,0	69,0	71,0	72,6	74,2	75,6
Consumo de milho (Variação em relação ao ano anterior, %)	5,2	5,0	5,5	3,0	2,9	2,3	2,1	1,9
Destaque associados à projeção								
<ul style="list-style-type: none"> • Produção brasileira deverá continuar crescendo, impulsionada pela demanda da Ásia e do Norte da África, que deve continuar crescente. A melhoria da produtividade e a redução dos custos de produção serão apoiadas por um crescimento constante da população e da renda nos principais mercados estrangeiros até 2024 e além; • A demanda aquecida por carne de aves e suínos estimulará o crescimento da demanda por milho, muito usada para ração; • O milho permanecerá secundário à soja em termos de crescimento de área nos próximos cinco anos; • Ainda que seja o segundo maior produtor mundial, a China poderá ter déficits na produção de milho até 2024 e recorrer à importação de milho brasileiro; • Os choques da Covid-19 também afetarão as perspectivas de consumo de curto prazo globalmente. 								

Fonte: Adaptado de Fitch Solutions. Brazil Agribusiness Report, Q3, 2020. p.15. EMIS/ISI Emerging Markets Group.

REFERÊNCIAS

ABIMILHO – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DO MILHO. **Estatísticas**. Disponível em: <http://www.abimilho.com.br/estatisticas>. Acesso em: 02 set. 2020.

AGROLINK NOTÍCIAS. **Para onde vão os preços do milho?** Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/para-onde-va-os-precos-do-milho-_439492.html?utm_source=agrolink-clipping&utm_medium=email&utm_campaign=clipping_edicao_6745&utm_content=noticia&ib=y. Acesso em: 15 set. 2020.

BACEN - BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Histórico de cotações**. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/historicocotacoes>. Acesso em 14 ago. 2020a.

_____. Focus. Relatório de Mercado, 14/08/2020. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>. Acesso em 14 ago. 2020b.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Projeções do Agronegócio, 2019/2020 a 2029/2030**. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/politica-agricola/todas-publicacoes-de-politica-agricola/projecoes-do-agronegocio/projecoes-do-agronegocio_2019_20-a-2029_30.pdf/view. Acesso em: 22 ago. 2020.

CEPEA - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Agromensal: Milho**. Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0168279001599573628.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

CMA - CONSULTORIA, MÉTODOS, ASSESSORIA E MERCANTIL S.A. **Trading Analysis Information**. São Paulo: CMA, 2020.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Perspectivas para a agropecuária, safra 2020/21**, Edição grãos, volume 8, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/perspectivas-para-a-agropecuaria>. Acesso em: 11 set. 2020a.

_____. 1º. Levantamento da safra brasileira de grãos 2020/2021. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/graos>. Acesso em: 10 out. 2020b.

_____. **Séries históricas**. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?start=30>. Acesso em: 11 set. 2020c.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção Agrícola Municipal. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>; consulta em: 07 out. 2020.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Grain: World Markets and Trade; Production, Supply and Distribution (PSD) on line**. Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/advQuery>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ANEXO A

CENÁRIO GLOBAL DO MILHO (Mil toneladas)¹

Tabela 1 – Produção

Países	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21 (1)
Estados Unidos	371.096	364.262	345.894	378.466
China	259.071	257.330	260.770	260.000
Brasil	82.000	101.000	102.000	110.000
União Europeia	62.007	64.362	66.665	66.300
Argentina	32.000	51.000	50.000	50.000
Ucrânia	24.115	35.805	35.887	38.500
Índia	28.753	27.715	28.636	28.000
México	27.569	27.600	25.000	28.000
África do Sul	13.104	11.824	16.250	14.000
Rússia	13.201	11.415	14.275	15.000
Selecionados	912.916	952.313	945.377	988.266
Outros	165.705	171.304	167.460	174.114
Mundo	1.078.621	1.123.617	1.112.837	1.162.380

Tabela 2 – Consumo

Países	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21 (1)
Estados Unidos	313.981	310.446	301.385	313.704
China	263.000	274.000	277.000	279.000
União Europeia	76.500	88.000	81.900	88.500
Brasil	63.500	67.000	69.000	70.000
México	42.500	44.100	44.200	45.250
Índia	26.700	28.500	28.000	28.200
Egito	15.900	16.200	17.100	17.300
Japão	15.600	16.000	16.000	16.000
Vietnã	13.600	14.300	14.950	15.500
Canadá	13.985	15.087	14.200	14.800
Selecionados	845.266	873.633	863.735	888.254
Outros	246.124	252.727	257.634	269.797
Mundo	1.091.390	1.126.360	1.121.369	1.158.051

Tabela 3 – Exportações

Países	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21 (1)
Estados Unidos	61.916	52.483	44.833	59.058
Argentina	22.473	37.244	37.000	34.000
Brasil	24.119	39.682	34.000	39.000
Ucrânia	18.036	30.321	30.500	32.500
União Europeia	1.749	3.629	4.800	2.700
Rússia	5.532	2.770	4.200	3.900
Sérvia	819	2.836	2.800	2.900
África do Sul	2.069	1.449	2.500	2.300
Burma	1.400	1.500	2.150	1.800
Paraguai	1.739	2.817	2.000	2.500
Selecionados	139.852	174.731	164.783	180.658
Outros	8.346	6.326	5.551	5.368
Mundo	148.198	181.057	170.334	186.026

1 Fonte: USDA (2020). Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline>. Nota: estimativa (2019/2020).

Tabela 4 – Importações

Países	2017/18	2018/19	2019/20	2020/21 (1)
União Europeia	18.465	25.209	19.500	25.000
México	16.129	16.658	17.000	18.300
Japão	15.668	16.047	16.000	16.000
Coreia do Sul	10.018	10.856	11.400	11.800
Vietnã	8.600	10.200	11.000	11.500
Egito	9.464	9.367	10.600	11.000
Irã	8.900	9.000	8.500	10.000
China	3.456	4.483	7.000	7.000
Colômbia	5.201	6.048	6.200	6.500
Argélia	4.184	4.521	5.100	5.200
Selecionados	100.085	112.389	112.300	122.300
Outros	49.845	50.768	55.176	57.042
Mundo	149.930	163.157	167.476	179.342

COMÉRCIO EXTERIOR

(Milhões de US\$, janeiro a agosto de 2020)²

Tabela 5 – Exportações brasileiras, janeiro a agosto

Países	2017	2018	2019	2020
Irã	529,58	705,24	745,33	281,55
Taiwan	74,01	45,78	237,57	231,02
Japão	57,23	7,66	415,59	194,95
Vietnã	151,37	111,48	396,18	190,71
Espanha	119,69	69,63	254,43	185,88
Egito	201,00	118,46	328,43	185,06
Coreia do Sul	87,15	38,37	288,30	176,57
Arábia Saudita	12,58	11,85	53,08	87,21
México	9,78	19,41	85,71	74,74
Portugal	26,96	22,16	71,58	73,15
Selecionados	1.269,35	1.150,05	2.876,21	1.680,83
Outros	449,16	382,39	898,06	566,70
Total	1.718,51	1.532,45	3.774,28	2.247,53

Tabela 6 – Importações brasileiras (em US\$), janeiro a agosto

Países	2017	2018	2019	2020
Paraguai	47,70	48,32	74,70	65,85
Argentina	92,91	28,92	16,62	18,22
Estados Unidos	0,03	0,01	0,01	0,01
Bolívia	0,01	0,01	-	-
Espanha	-	0,00	-	-
Total	140,64	77,28	91,33	84,07

2 Fonte: BRASIL (2020). Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/AGROSTAT.html>.

Tabela 7 – Exportações nordestinas (em US\$), janeiro a agosto

Países	2017	2018	2019	2020
Egito	0,61	1,08	3,94	18,80
Espanha	3,00	0,03	13,14	7,61
Irã	-	-	0,18	6,34
Israel	-	-	0,65	6,25
Taiwan (Formosa)	-	0,09	0,00	4,52
Japão	1,63	-	6,35	3,89
Arábia Saudita	-	5,25	-	3,57
Países Baixos	-	-	-	3,38
Marrocos	-	-	2,03	2,23
Vietnã	0,49	-	0,43	2,07
Selecionados	5,73	6,46	26,71	58,66
Outros	14,35	6,88	48,17	67,36
Total	20,08	13,34	74,89	126,02

Tabela 8 – Importações nordestinas (em US\$), janeiro a agosto

UF	País origem	2017	2018	2019	2020
Pernambuco	Argentina	22,71	5,62	3,76	6,71
Paraíba	Argentina	9,94	2,44	1,88	4,04
Alagoas	Argentina	6,08	1,99	-	-
Ceará	Argentina	22,13	-	-	-
R. G. do Norte	Argentina	0,10	-	-	-
Total		60,96	10,04	5,64	10,75

ANÁLISES DISPONÍVEIS

AGROPECUÁRIA

- Complexo soja - 09/2020
- Cana-de-açúcar - 09/2020
- Mandioca e seus derivados - 09/2020
- Carne Suína - 08/2020
- Etanol de milho - 08/2020
- Produção e mercado de açúcar - 08/2020
- Produção e mercado de Etanol - 07/2020
- Carne bovina- 06/2020
- Cajucultura - 05/2020
- Grãos (1ª safra) - 5/2020
- Mel - 04/2020
- Comércio exterior do Nordeste - 03/2020
- Citricultura - 12/2019
- Café - 12/2019
- Hortaliças - 11/2019
- Mandioca - Raiz, farinha e fécula - 11/2019
- Algodão - 10/2019
- Flores e plantas ornamentais - 09/2019
- Pescados - 08/2019
- Fruticultura - 06/2019
- Comércio exterior: cacau e seus produtos - 06/2019
- Comércio exterior: produtos apícolas - 04/2019
- Comércio exterior: sucos de frutas - 04/2019
- Comércio exterior: sucroalcooleiro - 04/2019
- Comércio exterior: fibras e produtos têxteis - 04/2019
- Comércio exterior: frutas, nozes e castanhas - 03/2019
- Comércio exterior: setor florestal - 03/2019
- Comércio exterior: grãos - 03/2019
- Comércio exterior no Nordeste - 03/2019
- Silvicultura - 02/2019

INDÚSTRIA

- Indústria siderúrgica - 09/2020
- Bebidas não Alcoólicas - 07/2020
- Vestuário - 06/2020
- Bebidas Alcoólicas 06/2020
- Indústria de Alimentos - 05/2020
- Indústria Têxtil - 10/2019
- Indústria Petroquímica - 10/2019
- Indústria Siderúrgica - 08/2019
- Setor moveleiro - 07/2019

INFRAESTRUTURA E CONSTRUÇÃO CIVIL

- Energia Solar - 03/2020
- Distribuição de energia elétrica - 10/2019
- Micro e minigeração distribuída - 07/2019
- Saneamento -06/2019
- Biocombustíveis - 05/2019
- Energia eólica - 02/2019
- Energia elétrica - 01/2019
- Saneamento - 01/2019
- Transportes - 01/2019

COMÉRCIO E SERVIÇOS

- Telecomunicações - 08/2020
- Turismo - 08/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Comércio Varejista - 07/2020
- Shopping Centers - 02/2020
- Comércio eletrônico - 08/2019

ANÁLISES SETORIAIS ANTERIORES

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

CONHEÇA OUTRAS PUBLICAÇÕES DO ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>

ANÁLISES PREVISTAS PARA 2020

Análise setorial	Previsão 2020
Saneamento	Abril
Indústria da construção civil	Mai
Cocoicultura	Mai
PET	Junho
E-commerce	Junho
Energia eólica	Julho
Silvicultura	Julho
Indústria siderúrgica	Agosto
Grãos (2ª safra)	Agosto
Móveis	Agosto
Bovinicultura leiteira	Agosto
Biocombustíveis	Agosto
Microgeração de energia	Setembro
Indústria petroquímica	Setembro
Floricultura	Setembro
Algodão	Outubro
Fruticultura	Outubro
Turismo	Outubro
Rochas ornamentais	Novembro
Petróleo e gás natural	Novembro
Hortaliças	Novembro
Cafeicultura	Dezembro
Aquicultura e pesca	Dezembro
Shopping Center	Dezembro
Saúde	Novembro
Setor têxtil	Setembro
Comércio	Dezembro
Serviços	Dezembro